

IMAGINÁRIO SOCIAL D'O GLOBO ACERCA DE CELEBRIDADES CRIMINOSAS E MANIFESTANTES DA JORNADA DE JUNHO. QUEM SÃO OS BANDIDOS?¹

Evson Malaquias de Moraes Santos*
Amanda Pereira Santo **

Resumo: *Analisaram-se e compararam-se as significações imaginárias sociais de O Globo sobre criminosos célebres com os manifestantes da jornada de 2014. Concentrou-se a pesquisa em duas “celebridades”:* Roger Abdelmassih (54 estupros) e Thor Batista (morte em acidente), além de dois manifestantes, Caio Silva e Fabio Raposo (morte de cinegrafista). Metodologicamente, realizou-se análise semiótica e de conteúdo (frequências) em fotos e textos do jornal O Globo, extraídos da internet. Questiona-se: o tratamento com criminosos “ricos” e “celebridades” é adotado da mesma forma por essa instituição? Os princípios do Grupo Globo (imparcialidade e isenção jornalística) são adotados diante das “celebridades criminosas”? O jornal deu bastante destaque negativo aos movimentos sociais, e não apenas aos envolvidos, culpando-os pela morte do cinegrafista da Band – ameaça ao Brasil. Apesar da gravidade do crime, as celebridades são protegidas nas capas, nos textos, nas fotografias e na editoração, enquanto que os manifestantes são fartamente expostos e criminalizados (mal, caos).

Palavras-chave: *Celebridades/manifestantes. Imaginário social. Pureza/impureza/bandido*

Abstract: *The imaginary social significances of the newspaper O Globo about famous criminals were analyzed and compared with the protesters of the 2014 journey. The research was based on two celebrities: Roger Abdelmassih (committed 54 rapes) and Thor Batista (responsible for a fatal accident), and two protesters, Caio Silva and Fabio Raposo (responsible for the death of a cameraman). Semiotic and content analyses, including of frequencies, photos, and texts were performed. The analysis was based on O Globo news, retrieved from*

*Universidade Federal de Pernambuco - UFPE,
Recife, PE, Brasil.
Doutorado em Sociologia pela UFPE.
Departamento de Administração Escolar e Planejamento
Educativo na UFPE.
E-mail: evson@uol.com.br

**Universidade Federal de Pernambuco - UFPE,
Recife, PE, Brasil.
Mestranda no Programa de Mestrado em
Desenvolvimento e Meio Ambiente - Prodem UFPE.
E-mail: amandapsantos1@gmail.com

¹ Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla, na qual participam os estudantes Clodoaldo Marques Gomes (UFPE), Leandro de Melo Silva (UFPE), Natalia Mendes Vieira (UFPE), Pedro Ratis (UFRPE), Pedro Correia (UFPE), Teresa Faria (UFPE), Lays Freitas (UFPE).



the web. It is questioned if the journalistic treatment given to "rich" criminals and "celebrities" was similar to ordinary accused people. Will the principles of impartiality and journalistic exemption be adopted by Globo Group on issues related to "criminal celebrities"? The newspaper gave much negative attention to social movements, and those who were involved, blaming them for the death of the cameraman journalist from Band Group – as if they were a threat to Brazil. Despite the seriousness of the crime, celebrities are protected on the covers of magazines, texts, photographs and editing, while protesters are widely exposed and criminalized (often seen as evil, always promoting chaos).

Keywords: Social imaginary, celebrities / protesters, purity / impurity / bandit.

1. Introdução

Esta pesquisa foi motivada pela forma criminalística com a qual o Grupo *Globo*, em especial, noticiou a morte de um cinegrafista da Band, Santiago Andrade, no Rio de Janeiro, em 11 de fevereiro de 2014, decorrente de um rojão de fogos utilizado, provavelmente por manifestantes. Tudo indica que o acidente não foi proposital. A morte do cinegrafista, pelas lentes e tintas do Grupo *Globo*, resultou de práticas criminosas, vândalas, de *black blocs* e dos movimentos sociais reivindicativos “não pacíficos”².

Analisaram-se as significações imaginárias sociais (CASTORIADIS, 2001) do Grupo *Globo* sobre brasileiros criminosos ricos (e celebridades), processados e julgados, alguns exaustivamente divulgados como envolvidos em “escândalos” financeiros. Para este artigo, são focalizadas duas “celebridades”: Roger Abdelmassih (RA) e Thor Batista (TB). Dessa forma, pretende-se identificar e analisar os sentidos e representações sobre essas “celebridades” e compará-las com os manifestantes Caio Silva (CS) e Fábio Raposo (FB), acusados da morte do cinegrafista da Band, Santiago Andrade.

Por imaginário compreende-se o fluxo de imagens, formas, figuras (CASTORIADIS, 2001). Entende-se ainda como uma dimensão norteadora de práticas (conscientes e inconscientes), de valores estruturadores do mundo. Logo, o imaginário

² Segundo a ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), de junho de 2013 a fevereiro de 2014, 133 jornalistas foram agredidos e impedidos de exercer o direito de trabalho, sendo essa violência cometida por seguranças privados (3%), manifestantes (21%) e policiais (76%).



consubstancia e importa a cultura, a representação social e fundamenta a práxis (consciente ou não). Ela justifica, dá significação, molda condutas e rompe os asfaltos da realidade. O imaginário é, ao mesmo tempo, instituinte e instituído.

Inicialmente, questiona-se: o tratamento com criminosos “ricos” e “celebridades” é adotado da mesma forma por essa instituição? Os princípios do Grupo *Globo*, que defende a imparcialidade e a isenção jornalística, são garantidos diante dos “ricos” e de “celebridades criminosas”? Os “ricos” e as “celebridades” são “bandidos” e “criminosos”, tendo em conta esse imaginário? E quais símbolos são recorrentes para instituir tal imaginário?

Parece que o Grupo *Globo* alimenta-se da epistemologia clássica/positivista do crime: há uma natureza má do “criminoso”, há uma determinação *a priori* que pode ser apreendida para prever o crime – o ambiente social entra como estereótipo. Para Xavier (2008), “o paradigma criminológico opera com a visão maniqueísta do bem e do mal na sociedade e com o consenso de que não há problemas no Direito Penal, antes, nos indivíduos que o violam” (p.26).

As pesquisas acadêmicas vêm nos alertando para a “estetização da violência”, a fabricação, a naturalização, as imagens fotográficas de “bandidos” sempre desqualificadas. Os pobres e negros são “retratados” diferentemente dos de “cor” branca e dos “ricos”³. A maioria dos jornalistas entende que não se deve “dar voz aos bandidos”. O editor-executivo de *O Globo*, Luiz Antônio Novaes, se pronuncia:

Se esses bandidos forem reconhecidos pelos órgãos de imprensa como entidades capazes de dialogar com a sociedade – pois é este o papel do jornalismo –, estaremos jogando contra. Eles não podem ser considerados interlocutores válidos no debate brasileiro (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 59)⁴.

³ Para Almeida (2013, p. 1567-8), por trás da fotografia policial há a discriminação racial: “em geral, essas imagens apresentam homens em situação de constrangimento, vestidos apenas de cueca ou sunga, que foram presos ou detidos por algum motivo referente a desordem, roubo, estupro ou outra manifestação desse gênero”. O autor destaca que, semelhantemente ao anterior relatado, os cadáveres de negros aparecem “desnudos, vestidos apenas de sunga ou [cueca, enquanto] os cadáveres de indivíduos brancos aparecem vestidos”. Repórteres reconhecem que há tratamento diferenciado: “os suspeitos de classe baixa encontram menos oportunidade de defesa nos jornais e chegam a ser obrigados a mostrar o rosto para os fotógrafos” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 66).

⁴ Em seus “Princípios Editoriais”, um “criminoso” para *O Globo*, é “sequestrador”, “assassino em série”, aquele que porta “arma”. Ou seja, dirige seu discurso, indiretamente, para negros e pobres no geral – e, talvez, para certa classe média –, já que um banqueiro e celebridade, presume-se, não irá portar armas por aí, pelas ruas, ameaçando e sequestrando pessoas. A isenção, na Seção I, aparece na alínea x: “denúncias feitas em entrevistas por *peessoas sem credibilidade, como criminosos*, por exemplo, mesmo se identificadas, devem ser exaustivamente investigadas, antes de serem publicadas”. Na seção II, alínea f, argumenta que o jornalismo não deve ser “insensível a riscos evidentes” e dá um exemplo:



Interpreta-se o Brasil como uma sociedade fundada imaginariamente (CASTORIADIS, 2001) na hierarquia masculina, adulta e racista. Ou seja, uma sociedade de base patrimonial no sentido weberiano. Os três séculos de escravidão deixaram marcas indeléveis. A república incorporou – ou não rompeu – as significações hierárquicas coloniais e imperiais. As “fases” autoritárias de governo republicano (República Velha, Estado Novo, ditadura civil-militar) explicitam essas significações hierárquicas no capitalismo, que, também, não podem ser outra coisa senão, inerentemente, hierárquicas. As “fases” democráticas, pós-Estado Novo, serviram principalmente à burguesia, aos senhores de terra e aos representantes do Estado.

O apoio à ditadura por parte do Grupo *Globo* já é bem conhecido, e este reconhece que foi um “erro” prestar tal apoio (“Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro”)⁵. Santos (2015) observa em sua análise que o “erro” assumido pelo Grupo é retórico, visa persuasão e não pretende efetivamente assumir qualquer “erro”.

O título assume “erro” por ter “apoiado” a ditadura civil-militar, contudo não indica qual o “erro” do governo e qual o seu “erro” especificamente. Nenhuma palavra. Nenhuma vírgula. O texto é *omisso* e *silencia* a partir do próprio título. Essa omissão não é um erro técnico, mas expressa a contradição do próprio texto enquanto produtor de discurso e enquanto emergência das significações imaginárias instituídas na sua prática histórica heterônoma, que não pode ser senão heterônoma, na sua trajetória hierárquica de classe, étnica e de gênero – representando a Casa Grande financista. (SANTOS, 2015, p. 41).

Chamando a atenção ainda sobre o título do texto desse grupo comunicacional, o autor destaca que:

o “apoio” que o Globo manifestou no editorial “ao golpe de 64”, substantivo e masculino, indica que se refere a “suporte”, “base”, “ajuda”, “colaboração”, isto é, indica existir como *elemento externo, passivo* do mundo externo e de suas ações. O texto vai carregar essa contradição intrínseca: estar presente e externo (fora) ao objeto tratado, o golpe militar de 64. Vai recorrer ao *silêncio* e ao *apagamento* do passado para se firmar como sujeito que narra a verdade e reconhece o erro, negando sua participação. Esta negação de sua participação ainda se encontra no título: “golpe” militar. Ora, o “golpe” é uma “ação”, um “movimento rápido”, pode ser apreendido e, também, ser figurativo: “acontecimento funesto inesperado que choca e causa impacto”, como “acontecimento imprevisto”, “manobra astuciosa em luta corporal”. Ora, o “golpe” retira a compreensão do conteúdo sucessivo da história e de

“Para citar um exemplo, um vídeo divulgado por *um assassino em série* pode e deve ser divulgado...”. Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#principios-editoriais>.

⁵ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>.



sua presença nela no seu transcorrer. Sua presença foi apenas "circunstancial": na "ação" do golpe. (SANTOS, 2015, p. 41-42).

Ora, esses posicionamentos políticos-ideológicos não se coadunam com o discurso de jornalismo científico/profissional, que encontra-se nos princípios do Grupo e constrói sua identidade (jornalismo de qualidade). Se a instituição *Globo* está plenamente imbricada com interesses políticos-econômicos-ideológicos, ela está imbricada com significações de classe, de gênero e de etnias.

O imaginário social é "identificado" pelos seus efeitos. O afeto exprime "qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável [...], quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral [...]. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações" (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 9). Sobre isso, Codo e Gazzotti (1999) observam que *afeto* vem do latim *affectus* (afetar, tocar) e:

Constitui o elemento básico da afetividade, conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza. (CODO e GAZZOTTI, 1999, p. 51).

Esse afeto está implicado com o *investimento* canalizado para o objeto. Isso quer dizer que investimento é o uso de "uma determinada energia psíquica se encontra ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, a um objeto, etc.". Portanto, chama-se a atenção aqui para o "*quantum* afetivo", o "valor afetivo" dedicado ao objeto (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 254).

A fonte e a amostra da pesquisa foi a do jornal diário *O Globo*, disponibilizado na internet, selecionada e extraída da seção busca, da página Acervo. Para identificar o "afeto", decidiu-se analisar as capas dos jornais, identificando temas, imagens e suas frequências, computando os textos selecionados por palavras e frequências, identificando e selecionando os editoriais. Computaram-se e analisaram-se as frequências de palavras, medidas pelo programa *Word*, após transformar as matérias salvas em PDF e convertidas para *Word*.

As amostras CS/FR (e manifestantes) foram coletadas durante dez dias (7 a 16 de fevereiro de 2014). As de TB aconteceram entre 19 de março de 2012 e 6 de



junho de 2013 (33 dias) e RA entre 10 de janeiro de 2009 e 22 de agosto de 2014 (20 dias).

Neste estudo, o texto é analisado como parte de uma estrutura de editoração (projeto gráfico), no que tange às dimensões político-ideológico-culturais, levando-se em conta as fotografias, as propagandas e seus nexos com o contexto. Ou seja, as dimensões conotativas e denotativas. Obviamente, alerta Castoriadis (2000):

Não há denotação em oposição a uma conotação; a ideia de uma denotação implica necessariamente uma ontologia da substância-essência, da *ousia*, de um ente em si definido e distinto fora da linguagem, completo e fechado em si mesmo, a que a palavra seria dirigida, claramente: da coisa, real ou ideal e à qual poderiam se opor os comitantes (*symbebekota*) que lhe apareceram objetivamente ou os acidentes advindos à palavra em sua utilização linguística. (CASTORIADIS, 2001, p. 392).

A língua implica a possibilidade de emergência de “novas significações ou aspectos de uma significação inerentes à sua própria totalidade sincrônica”. Logo, a língua:

Oferece aos locutores a possibilidade de *se localizar* em e por aquilo que dizem *para aí moverem-se*, de se apoiar no mesmo para criar o outro, de utilizar o código das designações para fazer aparecer outras significações ou outros aspectos das significações aparentemente já dados. (CASTORIADIS, 2000, p. 398).

As análises das imagens fotográficas interessavam na sua denotação e conotação – feitas as ponderações anteriores de Castoriadis e também pelo próprio Barthes. Barthes (1990, p. 303-304) alerta que a “foto é o centro, mas que os contornos são constituídos pelo texto, título, legenda, paginação e, de maneira mais abstrata, mas não menos ‘informante’, pelo próprio nome do jornal”. A foto é, assim, dotada de autonomia estrutural. Para a análise, deve-se incidir sobre cada estrutura separada: a linguagem e propriamente, a foto (BARTHES, 1990).

Deve-se identificar o analogon da foto como alerta este autor: ausência de código, mensagem contínua. Por outro lado, é necessário perceber que, além da existência do analogon, da objetiva (denotada), há a conotada, “que é a maneira como a sociedade dá a ler, em certa medida o que ela pensa.” Barthes (1990) chama ainda atenção para o fato de que o estatuto puramente de “objetividade” é um mito, “pois há



uma forte probabilidade [...] para que a mensagem fotográfica (ao menos a mensagem de imprensa) seja também ela conotada”.

Uma fotografia de imprensa é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são outros fatores de conotação; [e, doutra parte, essa] mesma fotografia não é apenas percebida, recebida, ela é lida, ligada mais ou menos conscientemente pelo público que a consome a uma reserva tradicional de signos [...] o paradoxo fotográfico seria então a coexistência de duas mensagens, uma sem código (seria o análogo fotográfico) e outra com código. (BARTHES, 1990, p. 305 - 306).

O autor adverte para a relação entre fotografia e texto da matéria e da legenda: “a imagem já não ilustra a palavra, é a palavra que, estruturalmente, é parasita da imagem [...] a imagem não vem ‘iluminar’ ou ‘realizar’ a palavra; é a palavra que vem sublimar, patetizar ou racionalizar a imagem”. Quanto mais próximo o discurso da foto, mais conotado é pela própria “natureza” da fotografia, sobretudo por sugerir objetividade. O texto pode tanto ampliar a fotografia em consonância como contradizê-la, produzindo uma conotação compensatória (BARTHES, 1990, p. 311-312).

As fotografias computadas nas frequências correspondem àquelas que compuseram a matéria, na qual se encontram os envolvidos nos crimes correspondentes, não dizendo respeito apenas aos envolvidos diretamente, mas às imagens que o jornal utilizou para compor a matéria. Portanto, fotos de um imóvel, de um carro, de outras pessoas (autoridade qualquer), etc., farão parte da computação de frequência de fotografias dos envolvidos em crimes.

As interpretações das significações levarão em conta o texto, o contexto histórico e o texto (incluindo legendas) – e a própria imagem conotada. Interessa-se nessa interpretação identificar as representações dos sujeitos envolvidos (classificações e suas relações) nos textos escritos e na sua *relação com o tempo histórico* das instituições com o Grupo *Globo*. Além disso, entende-se que o acusado da morte do cinegrafista, como os ricos e celebridades, antes de se constituírem em seres “biológicos” são instituições imaginárias sociais na tradição instituinte/instituída brasileira: implicações patrimonialistas nas dimensões étnica, classista e de gênero.

O artigo se organizou em quatro partes. Na primeira parte é apresentada a identificação e análise das frequências extraídas das matérias sobre os acusados de



crimes: Caio Silva (CS) e Fábio Raposo (FR), Thor Batista (TB) e Roger Abdelmassih (RA). As frequências analisadas nesse tópico referem-se aos textos no geral; na estrutura do jornal; sobre os tipos de propagandas compartilhadas com as matérias dos envolvidos; sobre as fotografias que compunham as matérias sobre os envolvidos. Na segunda parte tem lugar as imagens fotográficas de CS/FR, TB e RA. Nessa seção são analisadas as imagens construídas pelo jornal nas referidas matérias sobre as temáticas abordadas. Almeja-se, com isso, apreender seu imaginário social, pelas representações, que se comunicam de forma indireta, resgatando valores do instituído da sociedade brasileira que estão na sua origem.

Posteriormente, na terceira parte, destacam-se as narrativas das matérias em TB, RA, CS/FR e manifestantes. Objetiva-se identificar, classificar e analisar as narrativas desenvolvidas: dinâmica, personagens e sentidos relacionados a esses aspectos. Por último, na quarta seção, são abordadas as formas de tratamento pessoal. Aqui encontrar-se-á a relação do Eu (*O Globo*) com o Outro (ditos criminosos): sentidos de proximidades e de afastamentos quanto à classe social, à etnia e de gênero, que perpassam as formas de tratamento.

2. Os Célebres, Criminosos e Bandidos?

Em 11 de fevereiro de 2014 morreu o cinegrafista da Band, Santiago Andrade. Quatro dias antes, no dia 7 de fevereiro de 2014, ele foi ferido por um rojão de fogos enquanto fazia as filmagens da manifestação política numa praça do Rio de Janeiro. Essa imagem foi exaustivamente publicada em dias diferentes, aparecendo sete vezes (de 7 a 16 de fevereiro). No dia 12 de fevereiro, estampou-se na capa, em retrato 3x4, a fotografia de CS. De família humilde financeiramente, negro, CS foi acusado como “suspeito” e “procurado” pela polícia.

Primeiramente, CS, o suposto envolvido na morte do cinegrafista da Band, “localiza-se” no caderno primeiro, “Rio”. Contudo, as matérias aparecem em várias páginas espalhadas, não se apresentando condensadas numa única página. Isso chama atenção para o fato de que *O Globo* se utiliza de “guerrilhas visuais”, visando atacar o “suspeito” (implicados os movimentos sociais) em notas, depoimentos, frases curtíssimas. Em outras palavras, o assunto da morte aparece em “flashes”, forçando o



leitor a tomar conhecimento e a não esquecer o perigo que se corre. TB e RA aparecem, também em várias páginas da seção “Rio”. Contudo, o tratamento dispensado a esses diverge do daquele: os “flashes” estão ausentes, as notas são espalhadas e sequenciadas, presença de charges, como em CS/ou na morte do cinegrafista. As suas matérias eram condensadas numa única página ou, no máximo, em duas. Veja-se, abaixo, a tabela:

1. Tabela de capas com e sem fotos de todos os envolvidos.

Personagens	Capa		Capa com foto		Fotos Totais	Fotos dos criminosos
	Ausência	Presença	Ausência	Presença	Inclusive capas	
CS/FR	0	10 (100%)	3 (30%)	7 (70%)	61	5 F; 9C (6,2)
TB	11 (91%)	2 (9%)	2 (100%)	0	24	10
RA	12 (86%)	2 (14%)	1 (50%)	1 (50%)	9 (2)	6 (2)

Fonte: elaborado pelos autores.

Se aceitar-se que um dos motivos da presença das chamadas na capa é a importância da notícia, a sua ausência pode ser vista como sinal de desimportância. Contudo, a ausência pode ser interpretada, também, como assunto importante para os envolvidos em situações constrangedoras – e, por isso mesmo, é necessária a ausência na capa. Sendo assim, TB e RA foram “beneficiados” com suas ausências na capa do jornal. Os manifestantes foram bem mais expostos do que as celebridades. Nesse caso, esses, para *O Globo*, são mais significativos jornalisticamente do que as celebridades, que perdem importância quando estão envolvidos em crimes violentos.

2. Tabela das capas das primeiras divulgações.

		Data								
CS/FR	07.02.14 Rojão de fogos	08.02.14	09.02.14	10.02.14	11.02.14 Morte do cinegrafista	12.02.14	13.02.14	14.02.14	15.02.14	16.02.14
C/FOTO			ausente						ausente	ausente



TB	19.03.12 Atropelamento com morte	20.03.12	21.03.12	22.03.12	23.03.12	24.03.12	25.03.12	06.06.13 Homicídio culposo		
	ausente	ausente	ausente	ausente	Ausente	ausente	ausente	ausente		

Fonte: elaborado pelos autores. c/foto: capa com fotografia. s/foto: ausente da capa fotografia.

Em todos os dias investigados (de 7 a 16 de fevereiro de 2014), os manifestantes estão presentes nas capas. Isso já não acontece com TB, aparecendo apenas no dia do atropelamento, 19 de março, e no dia 23 de março de 2012; nesse último, em uma pequena nota divulgando a coluna de Ancelmo Góis. Quando incluem-se as frequências das fotos nas capas, os manifestantes estão presentes em sete capas das dez que foram analisadas, com fotografias (70%). Já TB não possui nenhuma fotografia (0%).

Se analisarem as frequências das fotos, imagens diversas (charges, gráficos, etc.), presença de textos (notas, matérias, depoimentos, artigos, etc.), esses dados reforçam a análise aqui feita de hierarquia social, política, classista n' *O Globo*.

3. Tabela geral dos investigados Caio Silva/Fábio Raposo e Thor Batista.

Nomes	Editorial	Colunista /Artigo/ Opinião	Matérias		Notas	Fotos	Charges	Depoimentos/Frases
			Autorais	Não				
Caio Silva e Fábio Raposo	5	9 / 6 / 5	32	5	5	7	4	4/5
Thor Batista	0	0 / 0 / 0	21	6	0	6	0	0/0

Fonte: elaborado pelos autores.

Percebe-se ausência de editoriais, de colunistas, de artigos, de opinião, de notas, de entrevistados, de frases e charges sobre TB, contrariamente aos manifestantes. Os dados das matérias com autoria e sem autoria podem sugerir que TB não tem muita importância, pois são quase iguais. Entretanto, destaca-se o fato de que TB recebeu muitas “notas” (textos curtos informativos, apenas), e não matérias, o que implicaria a ausência de autorias (forma de menosprezar importância para evidência jornalística), mas isso não aconteceu. Entretanto, ao se analisar o valor relativo, TB recebeu (distância entre autoria e não autoria: 1,31 vez) mais atenção de autoria do que os



manifestantes (2,13 vezes de distância). Esses dados indicam que os manifestantes são mais perigosos e importantes do que TB.

4. Tabela Geral das Matérias e Editoriais.

Envolvido	Matérias	Editoriais	Colunas	Artigos/opinião	Total
	Pal.	Pal	Pal.	Pal.	Pal.
Cs/FR (10 dias)	22.072	1.964	4.627	5.338	34.001
TB (33 dias)	11.023 2x	0	207 22,35x	0	11.230 3x

Fonte: elaborado pelos autores.

Primeiro elemento para levar-se em consideração: os dados acima dizem respeito aos 10 dias (7 a 16 de fevereiro de 2014) de contagem de “Caio e Fábio”, contrastando com os de “TB”, que dizem respeito aos 33 dias de um período de 18 meses (aproximadamente 540 dias). TB não mereceu nenhuma atenção do jornal nos editoriais e nos artigos e opiniões. Por esses indicadores, ele não é uma ameaça à sociedade, apesar de conter em seu currículo de volante morte, acidentes e diversas multas sem punição do Estado.

Quando compara-se o indicador “palavras” em investimentos de CS/FR com TB, percebe-se o distanciamento enorme entre ambos. CS/FR chegam a ter, por parte do jornal *O Globo*, 3,02 vezes mais investimentos que TB. Extraindo os valores dos editoriais, dos artigos e de opinião da contagem, o investimento do jornal, mesmo assim, é da ordem de 2,37 vezes mais para os manifestantes sociais. Da mesma forma, extraíndo-se os dados de todas as colunas, com exceção das “matérias”, a diferença ainda é extraordinária, com duas vezes mais matérias para os manifestantes do que para TB.

Os dados comparados (2012 a 2013) de Thor são favoráveis a ele, sobretudo ao levar-se em conta que são apenas dez dias dos manifestantes – esperava-se, assim, mais frequências de palavras para TB do que para os manifestantes (o que não sucedeu).



5. Tabela de frequência de matérias comparativas entre Caio, Fábio e Thor Batista.

	7 a 10/2/2014	11 a 16/2/2014	19 a 25/3/2012
	Palavras	Palavras	Palavras
	5.609	18.174	
CS/FR (4 / 6 dias)	Rojão de fogos	Morte do cinegrafista Band, Santiago Andrade	
TB (7 dias)			3.471
			Morte do trabalhador Wanderson dos Santos

Fonte: elaborado pelos autores.

Observa-se acima que nos dias que se seguiram à morte do “ciclista”, investiram-se 3.471 palavras em sete dias. Investiu-se em CS/FR, em quatro dias, 5.609 palavras, ou seja, investiu-se 1,61 vez mais do que a morte do ciclista, mesmo os dias de contagem sendo inferiores aos de TB. Uma observação: essa comparação diz respeito, apenas, aos dias que se sucederam à explosão do rojão de fogos, que acidentou o cinegrafista da Band. Uma situação “explosão” sem morte; a outra situação, um “acidente” já com “morte”. Quando se comparam as matérias do dia da divulgação da morte do cinegrafista da Band, a diferença entre os manifestantes e TB aumenta extraordinariamente para 5,23 vezes a mais. Ou seja, a morte do ciclista não tem valor algum quando comparada com a morte do cinegrafista da Band.

6. Tabela das primeiras divulgações nas capas.

Nomes	Datas									
	07.02.14	08.02.14	09.02.14	10.02.14	11.02.14	12.02.14	13.02.14	14.02.14	15.02.14	16.04
CS/FR	Rojão fogos				Morte cinegrafista					
C/FOTO			ausente						ausente	ausente
RA	10.01.09	14.01.09	18.01.09	24.06.09	18.08.09	20.08.09	06.07.10	24.11.10	25 a 30.11.10	
C/FOTO	ausente	ausente	ausente	ausente	ausente	ausente	ausente	ausente	ausente	

Fonte: elaborado pelos autores.

Tanto TB quanto RA foram “protegidos” por não estarem identificados na primeira página ou no *corpus* do texto, com os seus nomes nos títulos suprimidos. Em 10 de janeiro de 2009, RA foi identificado no título como “médico renomado”; no



dia 14 do mesmo mês, como “médico” e, abaixo, segue o seu nome. A partir daí, quase não foi mais citado nos títulos das matérias, senão em 20 de agosto de 2009, 6 de julho de 2010 e em 24 de novembro de 2010, quando ele foi condenado a 278 anos de prisão. A única foto na capa data de 20 de agosto de 2014.



Ele foi identificado nos títulos das matérias como “médico renomado”, “médico”, “ginecologista”, “ex-médico”. Imagem de Thor aparece somente em 21 de março de 2012, na terceira matéria sobre a morte do ciclista – mesmo assim, rosto e braços machucados, com escoriações, indicando sofrimento (vítima?), são destacados em fotos pequenas. Não encontra-se charges nas capas sobre o envolvimento de ambos – o que os diferencia de CS (presença em quatro charges).

7. Tabela de frequência de palavras de todas as matérias selecionadas.

Envolvido	Matérias	Editoriais	Colunas	Artigos/opinião	Total
	Palavras	Palavras	Palavras	Palavras	Palavras
CF (10 dias)	22.072	1.964	4.627	5.338	34.001
RA (20 dias)	8.542 (2,58x)	0	83 (55,74x)	335 (15,93x)	8.960 (3,79x)

Fonte: elaborado pelos autores.

Diferentemente de TB, RA encontra-se presente em “artigos/opiniões”, que se igualam aos editoriais: nenhum recebeu investimento nos “editoriais”. Contudo, RA fica mais distante dos manifestantes do que TB, apesar de o “objeto” jornalístico - estupro de mais de 39 mulheres (e 54 estupros), de pessoas, em parte, consideradas personalidades - ser mais profundo do que um “acidente” automobilístico.

Ao tomar-se a frequência total, *O Globo* utilizou 3,79 vezes mais palavras (34.001) para os manifestantes do que para o estuprador RA (8.960). Ao computar apenas as matérias, os manifestantes receberam 2,58 vezes (22.072) mais do que ele (8.542), representando altíssimas disparidades nas frequências comparativas.

8. Tabela de frequência comparativa entre CS/FR e RA.

	7 a 9/2/ 2014 Rojão	11 a 16/2/2014 Morte cinegrafista	
	Palavras	Palavras	Palavras
CS/FR (3 dias)	4.308	18.174	
Roger Abdelmassih (3 dias)	20 a 22 de agosto de 2014		2.214
			Preso e algemado

Fonte: elaborado pelos autores.

Quanto à comparação do dia “quente” da divulgação, o dia do “rojão” e da morte do cinegrafista com RA, esta torna-se inviável, pois o segundo não tem dia “quente”, ou seja, não se encontram sequências de matérias por dia. Assim, escolheram-se os dias 20 a 22/2014, prisão de RA, como amostra, e, no caso dos manifestantes, os dias do rojão.

Viu-se que, ao serem somadas as frequências de palavras dos manifestantes nos dez dias de amostras para investigação, os manifestantes superaram, em quase quatro vezes, as frequências referentes a RA.

Igualmente, ao analisar apenas três dias também dos manifestantes, do dia 7 a 9 de fevereiro de 2014, mantém-se a tendência de que os manifestantes receberam quase o dobro do investimento de palavras (4.308). Ou seja, mesmo assim, os manifestantes são considerados muito mais perigosos do que o estuprador de mais de 39 mulheres, totalizando 54 estupros (e que recebeu 2.214 palavras).



9. Tabela de matérias de TB e RA – as maiores em frequência por dia.

Thor Batista	Data	Palavras	Roger Abdelmassih	Data	Palavras
Família pode processar Estado	21/03/2012	1.055	Xingado e algemado, Abdelmassih vai para prisão.	21/08/2014	1.329
Cifras milionárias	18/05/2013	985	‘Ele pegou minha mão e tentou me beijar’	18/01/2009	1.080
Exame encontra álcool	24/03/2012	820	Foragido há 3 anos, ex-médico que abusou de pacientes é preso	20/08/2014	885
Homicídio culposo	06/06/2013	727	Médico renomado é acusado de abuso sexual	10/01/2009	878
Marcas da frenagem	22/03/2012	691	Mais mulheres denunciam médico por abuso sexual	14/01/2009	828
Um pedestre e ciclista morto	25/03/2012	659			
Total		4.937			5.000

Fonte: elaborado pelos autores.

Percebe-se que entre os dois não há diferenças significativas quanto às frequências e números de palavras utilizadas nas matérias. Observa-se que a vítima, Wanderson dos Santos, recebe mais atenção (21 de março de 2012, 18 de maio de 2013 e 24 de março de 2012) do que o réu, TB. Contudo, essa atenção não traz informações sobre a vítima, mas da intenção dos familiares (processo do estado e acordos financeiros com a família do réu) e do seu estado de sobriedade (alcoolizado) no momento do acidente.

Essas matérias depõem, no geral, contra a vítima, principalmente quanto ao uso dos títulos “Cifras milionárias” e “Exame encontra álcool”. Quanto a RA, sua maior frequência é quando ele é preso após a fuga para o exterior (21 de agosto de 2014), cinco anos após as primeiras denúncias das pacientes, em 2009.

3. Imagens fotográficas de Thor Batista e Roger Abdelmassih

3.1 Thor Batista

As imagens fotográficas do acidente de carro de TB, que ilustram as matérias, são relativas: à vítima e aos familiares/advogado (5); ao carro acidentado (3);



ao carro apreendido (1); aos familiares de Thor (1); e a Thor em movimento – busto (4); ao busto estático (2); ao rosto, cabeça (4); à parte do braço machucado (1). Outras imagens ilustram: cemitério (1); carros em via automotiva (2); e pedestres e ciclistas atravessando via automotiva (2). Totalizam 26 fotografias “ilustrativas”, sendo cinco referentes à vítima (19%); 11 ao autor da morte (42%); quatro às propriedades do acusado (15%); e três com ilustrações gerais sobre trânsito (11%). O jornal deu menor ênfase à vítima (19%).

Quanto às fotos relativas à vítima, duas fotografias são 3x4, uma foto em preto e branco e outra colorida, provavelmente de uma carteira de identidade. As outras três referem-se aos familiares e advogados. Chama-se atenção para o fato de que fotografias 3x4, historicamente, são produzidas para documentos exigidos pelo Estado, principalmente os de controle de Justiça. Sua utilização está associada à perseguição dos criminosos perigosos (terroristas, assaltantes de bancos, etc.). TB não é apresentado em imagem 3x4, mas a vítima sim – única imagem exposta dele.

As fotos referentes a TB demonstram: alegria, na missa promovida pelos familiares de Thor, sem a presença da família da vítima (1); seriedade (6); segurança (2); papel de vítima, com machucado no rosto e no braço (2). Das 13 fotografias da vítima e do acusado, 11 imagens referem-se a Thor (85%), enquanto apenas duas fotografias (15%) referem-se à vítima.



Exame encontra álcool no sangue de atropelado

Especialista diz que nível constatado no corpo da vítima é alto; Thor se reúne com parentes de ciclista morto



Missa em homenagem à vítima

Comunidade enlutada por ex-motobola de Oliveira reúne apenas familiares de Thor Batista



Thor Batista, atropelado no domingo em uma via da cidade de Curitiba, morreu no domingo.

Um exame realizado no corpo de um jovem atropelado em uma via de Curitiba, no domingo, encontrou álcool no sangue. O nível constatado é considerado alto, segundo o médico responsável pelo exame. O jovem, Thor Batista, morreu no domingo em uma via da cidade de Curitiba. Os pais, Carlos José Pereira e Mirsira de R. Andó, foram encontrados no local do acidente. O acidente ocorreu por volta das 17h30, quando o jovem estava dirigindo uma moto. Um carro, de uma empresa de transporte, colidiu com a moto, derrubando-a. O jovem sofreu ferimentos graves e morreu no local. O acidente ocorreu em uma via de movimentação intensa, com muitos pedestres e veículos. O acidente ocorreu em uma via de movimentação intensa, com muitos pedestres e veículos. O acidente ocorreu em uma via de movimentação intensa, com muitos pedestres e veículos.

Thor é condenado por homicídio culposo

Prisão é convertida em serviço comunitário. Juiz suspende habilitação e impõe multa de R\$ 1 milhão



Thor Batista, condenado por homicídio culposo.

Um jovem atropelado por um veículo em Curitiba foi condenado por homicídio culposo. O juiz suspendeu a habilitação do motorista e impôs uma multa de R\$ 1 milhão. A prisão foi convertida em serviço comunitário. O acidente ocorreu em uma via de movimentação intensa, com muitos pedestres e veículos. O acidente ocorreu em uma via de movimentação intensa, com muitos pedestres e veículos. O acidente ocorreu em uma via de movimentação intensa, com muitos pedestres e veículos.

Menor expôs marcas de acidente de moto

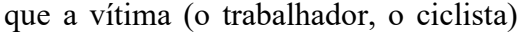
Jovens que matam garçons públicos, foto em 2011 na web



Uma pessoa expôs marcas de acidente de moto.

Lopes, o garçon gente boa do Baixo Gávea

Arrebolado por um report de 17 anos, o octocentenário chegou de sangue e obituário



José Pinheiro Lopes.

Um homem conhecido como 'o garçon gente boa do Baixo Gávea' morreu aos 17 anos. O acidente ocorreu em uma via de movimentação intensa, com muitos pedestres e veículos. O acidente ocorreu em uma via de movimentação intensa, com muitos pedestres e veículos. O acidente ocorreu em uma via de movimentação intensa, com muitos pedestres e veículos.

CEL. CARLOS JOSÉ PEREIRA
PARAGUAYISTA
+ 51 97 274 5000
MIRSIIRA DE R. ANDÓ
NÃO ESPERE A ÚLTIMA HORA PARA SE ENCONTRAR COM SEUS AMIGOS E AMIGAS PARA A MISSA DE 8 ANOS, A SER CELEBRADA AMANHÃ (DOMINGO), DIA 29/03/2012, às 08:00 horas, na Capela de N. S. das Graças, no Hospital Central de Curitiba, H.C.S. - Itaipava.

RAUL AUGUSTO DA MATTA
Um filho nos braços
em Santa Inês
+ 51 97 274 5000
2534-4333

ANITA SUBMAN
Um filho nos braços
em Santa Inês
+ 51 97 274 5000
2534-4333

ANTONIO PEREIRA DE PINHO
DIAMANTE E DIAMANTES
+ 51 97 274 5000
2534-5501

JOSÉ GOLDFARB
Um filho nos braços
em Santa Inês
+ 51 97 274 5000
2534-4333

ELZA RODRIGUES PARENTE SILVEIRA
Um filho nos braços
em Santa Inês
+ 51 97 274 5000
2534-4333

ELZA TAVARES FERREIRA
Um filho nos braços
em Santa Inês
+ 51 97 274 5000
2534-4333

O Globo, 24/3/2012 (pág. preto e branco)

O Globo, 06/6/2013 (pág. colorida)

Identifica-se nas imagens acima, que a vítima (o trabalhador, o ciclista) é retratada em foto 3x4, foto repetida em dias diferentes, enquanto o acusado em corpo inteiro e em busto – uma foto que aparenta haver interação social, alegre, sendo a outra, em movimento, com fisionomia séria. Há uma prática jornalística de apresentar em imagem 3x4 pessoas sem valor social (para a mídia), mortas, em papel de “bandidos” (negros e pobres), de terroristas, de perigosos. Essa escolha expressa uma conotação que não é aleatória: certos estratos sociais e étnicos estão figurados, estruturados como ameaças à ordem vigente. O repertório histórico construído, em referência aos “perigosos”, sinaliza para uma (des)figuração social, identificando-os como “caça”, como objeto de “prêmio” e, mais: como seres desprovidos de laços sociais e familiares. Os ricos criminosos não são representados em fotos 3x4. Os manifestantes, sim.



http://www.oglobo.globo.com/konor/jessidnoeWGMtQtG9g8fWQy6F3L7NQLuGBGGK12j5paH4j6U456-101810451?revisor=prfPa... 12

O Globo, 12/2/2014, foto em preto e branco



http://www.oglobo.globo.com?revisor=prfPa...imgem=Prin...http://34f2f2fdy9Qkayem+cloudfont.net/2PDFDf3_XMLs_página%2Fg_lobo... 12

O Globo, 12/2/2014, foto colorida

Destacam-se ainda outras imagens que merecem atenção na análise: as dos familiares da vítima. Estes não foram fotografados no sofrimento da perda de um parente, mas no interesse deles na negociação, visando obter dinheiro da família de TB (“Atropelamento de cifras milionárias”, 18 de maio de 2013). No subtítulo, há uma perplexidade que sugere que a família “Batista” já teria “retribuído demais” às famílias da vítima, sobretudo quando utiliza o verbo “dar” na terceira pessoa do singular do pretérito: “Thor já deu R\$ 1 milhão a pessoas ligadas à vítima...”. Já foi muito, sugere o subtítulo, enfatizando que a família Batista “Já deu...” e destacando que poderá desembolsar mais dinheiro.

Mais significativo que o título e o subtítulo é a legenda da fotografia, destacando em negrito “óculos novos”: “Óculos novos. Maria Vicentina Pereira, tia do ciclista morto, que já recebeu 315 mil pelo acordo firmado com a família de TB”. O texto inicia chamando atenção explicitamente para o fato de ela estar com óculos novos: “Dona Maria Vicentina Pereira, de 56 anos”, inicia em sua primeira linha, “tem orgulho de mostrar os novos óculos de grau que comprou”. A imagem que perpassa a fotografia,

a legenda e a matéria é a de que a família quer se aproveitar da família de TB às custas do morto. Ela recorre ao imaginário propagado, instituído, de que existe inveja dos pobres em relação aos ricos e, sempre, os pobres quererão extorquir dinheiro desses. Inverte-se a questão: os ricos são as vítimas e os pobres são os invejosos e os desejosos de sua riqueza.

Atropelamento de cifras milionárias

Thor já deu R\$ 1 milhão a pessoas ligadas à vítima e pode ter que pagar mais R\$ 2,5 milhões

VÍDEO ABASTO varapjoglobo.com.br

Dona Maria Vicentina Pereira, de 50 anos, tem orgulho de mostrar os novos decalcos de gram que comprou. É um objeto simples, mas que representa muito na vida da concubina de Hinguz, tia do ciclista Wanderlei Pereira dos Santos, atropelado no dia 17 de março de um passageiro paulista estudante Thor Batista. Foi graças à festa que recebeu de um acordo de R\$ 1 milhão com o atropelador e o pai dele, o empresário Eike Batista, que a vida dela e a da companheira da vítima, Cristina dos Santos Gonçalves, mudaram. Com a divulgação do acordo extrajudicial pelo deus de Thor, as duas mulheres, o advogado deus de Thor, o amigo da família, podem receber mais R\$ 2,5 milhões, o que pode tornar o homicídio culpado provavelmente de um atropelamento o mais caro do judiciário brasileiro.

Pelo acordo assinado por Thor, Eike, Maria Vicentina, Cristina e o bombeiro Márcio Tadeu Rosa da Silva, ficou estabelecido que eles não poderão mais

dar entrevistas sobre o acidente e, de forma alguma, divulgar o teor do contrato. Segundo o advogado da família da vítima, Cleber Carvalho Bandeira, os parentes de Wanderlei receberam a proposta cinco dias depois do acidente. Para ele, o objetivo do rito era justamente de acabar o caso. Por isso, foi estabelecido a condição de confidencialidade no acordo

que será assinado pelos pais da vítima e o pai de Thor, além de Eike Batista, que pagará a família por ter atropelado o acidente.

R\$ 500 mil Valor que Thor pagou a família por ter atropelado o acidente.

R\$ 2 milhões É quanto a família de Thor pagou a família de Eike por danos morais.



Articulação. O advogado Cleber Carvalho

da vítima estão sofrendo, depois da divulgação do acordo, tem sido enorme. Ainda não tendo parâmetros, mas pode ultrapassar os R\$ 2 milhões. Não são os mesmos referenciando o momento mais poderoso economicamente do país. — disse Cleber. A família também pretende processar a Concar por causa das más condições de Rio Petrópolis, onde ocorreu o acidente. Além de mover uma ação contra o estado, devido ao aumento de preços durante as investigações policiais, como a bicicleta usada por Wanderlei.

— Preferia mil vezes que o Wanderlei não tivesse morrido e receber esse dinheiro, mas já que é assim mesmo, vamos até o final. Eu me sentia traido quando vi que o acordo foi divulgado. Até que vi que não me perderia dinheiro. Não me sinto enganado — disse Maria Vicentina, que precisou deixar a casa onde mora.

TIA DE VÍTIMA TEM CARINHO POR THOR A companheira de Wanderlei conta que está sofrendo assediado até de colegas de trabalho.

— Tem gente que acha que não sei bem. Fui bem paga. Eu fico calada, mas não sou intimidada. Não quero deixar o trabalho — reclamou Cristina.

Além dos decalcos novos, Maria Vicentina conta que pôde comprar roupas em lojas em que nunca ousava entrar alguns dias. Deu a casa que mora no bairro Nova Campina, em Duque de Caxias, para um dos três filhos e comprou uma residência maior, de dois andares, num outro bairro da Baixada Fluminense. Ela não se lembra da investigação com os pais dela e uma irmã. Apesar de estar casada com Thor, ela não seconde o casamento que sente pelo rapaz.

— Não balancei duas vezes na vida. No dia 20 de dezembro eu me lixei para descer pelo Natal. Ele me contou que estava com medo de ser preso, porque a moto era churrasco. Disse que ele ficasse tranquilo e entregasse para Deus. Não estou mais doente.

O advogado de Thor, Celso Vilardi, negou ter divulgado o acordo. ■



Oculos novos. Maria Vicentina Pereira, tia do ciclista morto, que já recebeu R\$ 300 mil pelo acordo firmado com a família de Thor Batista



Partilha. A viúva, Cristina Gonçalves, que ficou com uma parte do dinheiro do acordo

Bombeiro que negociou com emissário de Eike recebeu R\$ 100 mil

Pela movimentação no local do acidente, militar percebeu que o atropelador era importante

O bombeiro Márcio Tadeu Rosa da Silva sequer tem seu nome citado no processo de homicídio culpado a que Thor Batista responde. Ele poderia despendido no caso, se não tivesse recebido R\$ 100 mil por ter orientado os pais do ciclista Wanderlei Pereira desde o acidente. Foi ele quem teve o primeiro contato com a família de Eike, oferecendo a resposar com eles quem pagaria o erro da vítima.

Ele foi fundamental, pois sabe como as coisas funcionam. Da igual era estado de choque. Não sabia quem eram essas pessoas (Thor e Eike). Eles não pareciam, porque queriam que colocassem a vítima aqui na família — Cristina Maria Vicentina Pereira, tia de Wanderlei.

Márcio é namorado de uma das filhas de Maria Vicentina e, logo que soube do acidente, correu ao local, no Rio Petrópolis, para identificar o corpo. Lá, percebeu que havia um movimento fora do comum e descobriu da importância que era o autor do crime, ele foi o único a intervir ali, entre a família e um emissário de Eike Batista.

A primeira divulgação surgiu quanto ao vídeo do acidente. Como o post da vítima estava desfigurado, Márcio fez questão de providenciar o melhor profissional para restaurar o corpo, além de pedir o cadáver mais caro. Todo o serviço funerário saiu por R\$ 8 mil. Em seguida, cobrou a ele a contratação do advogado que construiu o acordo de R\$ 1 milhão com Thor e Eike. ■

3.2 Roger Abdelmassih

Conforme mencionado, são pouquíssimas as matérias e fotos sobre RA. Em 2009, apareceu apenas uma única imagem dele, em 18 de agosto, sendo cercado por repórteres. Em julho de 2010, foi divulgada uma foto em que RA é acompanhado por um homem que segura seu braço, saindo de um prédio, provavelmente, seu advogado; uma outra, de busto, quando a justiça estabeleceu 278 anos de prisão, em 24 de novembro. RA só retorna em fotografia quatro anos depois, em 20 e 21 de agosto de 2014, algemado e cercado de policiais. Outras fotos de ilustração das matérias correspondem à cabeça de uma das vítimas e outra de uma mansão.

REVISTA MEMORARE www.portaldeperiodicos.unisul.br ISSN 2358-0593

Ao tomar-se estas imagens por elas mesmas, como denotadas, poderá argumenta-se que esse jornal “retrata” a realidade e trata todos os cidadãos como iguais. Mas, pelo levantamento e sistematização do material, pela frequência de textos e imagens, percebe-se que o jornal protegeu sistematicamente esse criminoso.

Observa-se que, na capa, ele não é chamado e nem classificado como “estuprador”, nem mesmo explicita a prática de “atentado ao pudor”, mas de “ex-médico”. No texto, substitui-se “estupro” por “abuso” de mulheres. Quando a matéria expõe a decisão da justiça (“foi condenado a”), identifica que o crime é de “estupro” (“Em novembro de 2010, o ex-médico foi condenado a 278 anos de prisão por 52 estupros...”). A Justiça não denomina esse crime de “abuso”, a prática social deste, mas de “atentado violento ao pudor” – para a juíza, a mudança dessas ações para estupro *corpus* legal foi posterior às ações de RA⁶. O termo “abuso” é uma invenção jornalística d’O Globo.

⁶ Conferir determinação da juíza Kenarik Boujikian Felipe. PODER JUDICIÁRIO. SÃO PAULO 16ª Vara Criminal. Processo: 50.08.082189-8. Controle: 1266/2009, São Paulo, 23 de novembro de 2010. No texto surge com frequência a descrição “constrangeu a ofendida”, “constrangeu de forma real”. Depois de páginas e páginas de relatos de violência física, a juíza proferiu: “Este processo é mesmo singular, pela

Curiosamente, *O Globo* utiliza-se do termo “estupro” em 2014 (“onde deve cumprir a pena de 278 anos a que foi condenado por estupro de 39 mulheres”), quando foi preso no Paraguai, identificando essa ação como a motivação dos 278 anos de prisão. Contudo, do ponto de vista jurídico, em novembro de 2010, a decisão foi de “atentado violento ao pudor”.

4. Narrativas em Thor Batista, Roger Abdelmassih e dos manifestantes

4.1 Roger Abdelmassih

A narrativa d’*O Globo* está assentada na dúvida sobre o que contam as vítimas, com recorrência ao que elas “falam sobre”, sem necessariamente haver correspondência com o que se diz em torno dos “fatos” – cabe ao Estado investigar a veracidade. Ainda nessa narrativa, o acusado é retratado como um homem de prestígio (renomado, médico, ex-médico, especialista). O discurso destaca uma perplexidade sobre pessoas de bem estarem envolvidas em escândalos desse porte. Registra-se a ausência de fotos nas capas de várias matérias, sendo que apenas cinco anos mais tarde fotografias significativas de sua prisão no Paraguai foram divulgadas no jornal. Foi essa a narrativa final, colocando um ponto final na história: a partir daí, informações sobre ele desaparecem definitivamente do jornal.

A narrativa construída sobre o estuprador RA é a de que há “suspeitas” do crime e suspeitas *sobre* as vítimas – oito mulheres já o tinham denunciado quando *O Globo* registrou a existência de “supostas vítimas”. Nove dias após, o número chegou para 35 vítimas – de janeiro de 2009 a julho de 2010, um ano e meio tratando o acontecido como “supostas vítimas” e “supostos abusos”⁷.

natureza do delito e circunstâncias, número elevadíssimo de vítimas (trinta e nove) e testemunhas, cujo total se aproxima de 250 pessoas; 37 volumes, com número extraordinário de 10.000 páginas”. (p. 17). Segundo a juíza, como muitos fatos aconteceram antes da modificação na legislação penal, as ações de Roger Abdelmassih serão tratadas como atentado violento ao pudor e não estupro. Disponível em: <http://s.conjur.com.br/dl/sentenca-condenacao-medico-roger.pdf> e <http://www.conjur.com.br/2010-nov-23/medico-acusado-abusar-pacientes-condenado-278-anos-prisao>.

⁷ 10/1/2009 (“Médico renomado é acusado de abuso...”; “segundo relatos...”; apenas relatos de “supostas vítimas...”; “... três das supostas vítimas...”); em 14/1/2009 (“supostos crimes de abuso sexual”); 18/1/2009 (“... 35 o número de mulheres que se disseram vítimas”); 24/6/2009 (“... após uma ex-paciente [...] ter sido abusada sexualmente”); 18/8/2009 (“O médico é acusado de abusar...”); 21/11/2009 (“... acusado de estupro de 56 de suas pacientes”); 24/12/2009 (“Médico é acusado por...”); 25/12/2009 (“Ele é acusado de...”); 6/7/2010 (“Acusado de...”).



A sua posição de médico e de celebridade se sobrepõe ao crime. Nenhum título das matérias o indica como “estuprador”, “bandido”, homem “perigoso”. A narrativa é de imparcialidade, de uma certa indiferença ao tipo de crime cometido – nesses cinco anos (2009 a 2014), da primeira denúncia até a sua prisão no Paraguai. Pode-se indicar que o crime cometido pela celebridade é estranho, é inesperado para o jornal, esperava-se que a Justiça chegasse à verdade com a investigação – há uma certa “perplexidade” ao saber que um homem célebre é capaz de tal conduta.

Essa verdade e fim da perplexidade foi manifesta não pela definição da Justiça, quando decretou 278 anos de prisão (24 de novembro de 2010), mas pela sua prisão no Paraguai (20 de agosto de 2014), quando não restava outra coisa ao jornal senão reconhecer que ele era “estuprador” (e não apenas “abusava” das suas pacientes): seus crimes aparecem pela primeira vez na capa do jornal, acompanhados de fotografia do fugitivo estuprador. O jornal relutou cinco anos para cravar uma foto do criminoso em sua capa. A designação “estuprador” aparece no texto não como autoria do jornalista, mas como *enunciação* da Justiça: “Ginecologista é indiciado por estupro e atentado violento a pudor” (24 de junho de 2009); e ele é condenado a 278 anos de prisão “pelos crimes de estupro, tentativa de estupro e atentado violento ao pudor” (24 de novembro de 2010). O jornal é “cuidadoso” com a imagem quando se refere ao médico RA.

4.2 Thor Batista

Se na narrativa do jornal em relação a RA a ênfase era para o “médico”, “o especialista em reprodução humana”, para TB a ênfase era para o seu pai - Eike Batista (“Filho de Eike atropela e mata ciclista”; “Filho de Eike já atropelou idoso de 86 anos”. – nota de Ancelmo Góes). Concentra-se no fato técnico sobre TB dirigir na velocidade legal (100 km) ou não (ou mais de 100 km). Dúvidas sobre a perícia e o perito foram levantadas. Também são enfatizadas as irregularidades e ilegalidades de TB frente ao direito de ser condutor de veículo, com destaque para os carros importados apreendidos, enfim, para a riqueza dessa família. Inclusive, a família da vítima (um “ciclista” para o jornal), segundo o jornal, queria tirar vantagem do acontecido, o “acidente”.



Enquanto os familiares da vítima de Thor são apresentados como interesseiros, já que sua tia havia comprado óculos novos, a referência à mãe de TB, Luma de Oliveira, apesar de ser uma modelo valorizada, é desprestigiada nos títulos e nas matérias enquanto frequência – ela aparece na matéria como uma pessoa que sofre pela família da vítima.

4.3 Caio Silva e Fábio Raposo, as manifestações e seus manifestantes

Já com CS/FR, diferentemente de RA e TB, *O Globo* não tem dúvida: os manifestantes são perigosos. Há duas imagens na narrativa do jornal comandando a linguagem, e vice-versa, em dois momentos distintos: do rojão ao internamento do cinegrafista da Band no hospital (7 de fevereiro de 2014), da sociedade brasileira (o acidente com o cinegrafista é tratado como tema nacional, não local) e, particularmente, do Rio de Janeiro, por estar em “guerra” (a chamada para essas matérias era “Sob Bombas”). As chamadas seguem o sentido da guerra (“explosão”, “linha de fogo”, “atirar”, “atentado”, “ataque”, “mortes”, “Exército”), quando recorrem a outras metáforas complementares e reforçadoras do “estado de guerra”, como: “Jornalistas na linha de fogo”; “ANJ vê atentado à liberdade de imprensa”; “fotógrafo viu mascarado atirar rojão”; “Explosão violenta”; “Curso no Exército. Experiência no front”, “Ataque à liberdade de expressão. Radicalismo que mata”, “Curso com especialista do Exército”, “Desde junho, sete mortos em manifestações” (grifos nossos).

Com a divulgação da morte do cinegrafista Santiago Andrade (11 de fevereiro de 2014), a imagem desloca-se da “guerra” para a “caçada” do “suspeito”, sua prisão e de todos aqueles vândalos. A liberdade de expressão – no Brasil e não somente no Rio de Janeiro – está ameaçada pelos “vândalos”, “baderneiros”. Lembre-se que RA não teve o mesmo tratamento quando fugiu. Essa é a tônica da chamada central que abarcará todas as matérias sobre a temática: “Ataque à liberdade expressão”; “Sob bombas” some da enunciação central.

Outras metáforas e enunciações surgem para reforçar a ameaça que o Rio de Janeiro e todo o Brasil está vivendo, considerando que os responsáveis precisam ser “presos”, “punidos”. A caça começa: “Força-tarefa é criada para achar agressor. Suspeito deverá ser indiciado... e pode ser condenado a 35 anos” (já no lançamento do



rojão); “Polícia indicia jovem [...] Ele vai responder por tentativa de homicídio e crime de explosão”; “Radicalismo que mata”; “Dilma oferece ajuda da PF...”; “Polícia pede prisão temporária”; “Indiciamento por lesão gravíssima”; “Beltrame sugere leis rígidas contra violência”; “Um freio na violência. Governo discutirá lei mais rigorosa [...] e Senado debate projeto contra terrorismo”; “Relatório lista 175 casos de violência”; “Sob a bandeira do anarquismo. A versão carioca: tática de confronto”; “Grande cerco foi montado ...”; “Pedida a prisão preventiva ...”.

O importante não é somente enquadrar legalmente os manifestantes, mas aqueles que o protegem e têm vínculos com eles. Outros são, também, responsabilizados: “Advogado: ativista acusou deputado de envolvimento. Marcelo Freixo nega ligação com homens que acionaram bomba”; “Assessor de Freixo ajuda presos em protestos”; “Ligações. Para mãe, filho conhecia Freixo”; “Vandalismo por 150. Transporte para manifestantes”; “Acusado diz ter fugido do Rio por medo de ser morto”; “PSOL e PSTU negam pagar a manifestantes”; “Ironia a financiamento”; “Objetivo é descobrir se dinheiro foi usado para financiar atos violentos”; “Membro do PSOL defende em artigo diálogo com *black blocs*. Texto, postado em outubro, foi retirado do *site* pela presidência do partido”.

O jornal abandona “Ataque à liberdade de expressão” como chamada central, e recorre agora à enunciação “Manifestações violentas em xeque”; “Beltrame: morte já era esperada [...] ele defende lei mais rigorosa contra violência em protestos”; “Câmara quer ação rápida. [...] **regime de urgência para analisar projeto de lei sobre protestos**”; “**Terrorismo: ministro da Justiça quer cautela**”.

Em seguida à caça, a guerra retorna à luta contra o terror. A “cabeça” está à prêmio (literalmente desloca a cabeça de CS do seu corpo em retrato 3x4). Permeando essas imagens, acrescentam-se imagens emotivas das dores dos familiares e dos profissionais da imprensa: “‘Não adianta essa violência toda’, diz viúva”; “Quando decidi ser jornalista ele quase caiu duro”; “Todos os lugares doem, e ao mesmo tempo. O corpo está parado’, diz filha de cinegrafista”; “Rins e fígados já doados”. O Estado se apresenta como despreparado, a Polícia como vítima dos “manifestantes” – de todos eles, e não exclusivamente de CS/FR. Se existe violência do Estado – leia-se Polícia –, é porque os manifestantes provocam os policiais em trabalho.



Uma especialista foi convidada para comentar a iniciativa do Comando que prepara os policiais para as “provocações” dos manifestantes. Assim, matérias desse tipo foram elaboradas: “PMs vão ser treinados para não reagir a provocações”; “Contra confrontos. Psicanalista elogia iniciativa”.

A sociedade é vítima dessa guerra já que ela chegou a matar sete pessoas no Brasil. Toda a sociedade brasileira é contra o vandalismo e as manifestações com violência (“Atitude reprovada. **Atos violentos merecem repúdio**”), particularmente os intelectuais, os especialistas, os religiosos, os artistas, os colunistas de toda ordem – inclusive o governo Dilma (mesmo com resistência em aplicar a lei antiterror). Aqueles contrários à violência nas manifestações eram expostos para se posicionarem e declarem a impureza dessas.

5. Formas de tratamento pessoal

Comparato (2011, p. 259) nos adverte sobre o desprezo histórico que se abate sobre os pobres, já que “permaneceu sempre vivo nas sociedades capitalistas pós-medievais, e constitui, até hoje, um dos traços salientes da mentalidade brasileira”. Se por um lado o “criminoso” está instituído negativamente, logo, o seu oposto será positivo, o homem de bem, de boa família, de bom berço – inclusive, ser “trabalhador”, “pai de família” é uma “localização” positiva que serve como identidade do “bem” para a aceitação do pobre e do próprio trabalhador como sujeito que merece “respeito”. Essa distinção expressa e institui a hierarquia social na classificação das famílias, em seus nomes e títulos.

Os títulos de nobreza no Brasil eram comprados; não eram hereditários. Estudiosos alertam que “mesmo com o fim do Império e, portanto, com a extinção oficial do título, a sociedade continuaria a tratar os nobres como no período monárquico” (REZENDE, 2008, p. 16). Raminelli (2013) observa, também, que:

a revolução burguesa não enterrou o *ethos* nobiliárquico, nem o predomínio nobre sobre os campos e cidades [...] as forças do Antigo Regime não sucumbiram aos primeiros clamores revolucionários [...]. Se a espada não mais atuava como principal instrumento de poder da nobreza, a linhagem ainda era determinante e hierarquizava as sociedades, mesmo aquelas já inseridas na era industrial. (RAMINELLI, 2013, p. 87).



Os burgueses

almejavam ‘para si e para a sua família um título aristocrático, com os privilégios que o acompanhavam’ [...] buscar honras e privilégios, a burguesia não objetivava eliminar nobreza, mas antes intentava ocupar seus postos, sobretudo exibir títulos, frequentar a corte e a intimidade do rei.

No Brasil colonial, os senhores de engenho, “pelos serviços militares podiam, às vezes, receber remuneração e alcançar o status de baixa nobreza, pois contavam com as distinções próprias aos cavaleiros comendadores e fidalgos” (RAMINELLI, 2013, p. 88-100).

Ora, a língua não é neutra, carrega elementos do poder social, manifesta nos pronomes de tratamento, implicando grau de familiaridade e formalidade. Se não temos mais títulos nobiliárquicos a se hierarquizar, a própria localização econômica é a *distinção e hierarquização* social. Ser alto empresário ou banqueiro já é o “título” hierarquizacional que implica tratamento diferenciado. O prefixo “ex”, no tratamento aos banqueiros/médicos, antes de cumprir sua função de localizá-lo na ausência da atividade financeira/profissional, funciona como memória resgatada e ritualizada para o não esquecimento do seu lugar socioeconômico.

A América Latina, na sua colonização, herdou a tradição patriarcal europeia, tendo em vista a perspectiva da classe baixa e trazendo o sistema tripartido: tu – vos – vusstra merced – usted. O *vós* foi substituído por você, que ficou como intermediário entre intimidade e formalismo. O tratamento na segunda pessoa está praticamente extinto no final do século XX. Sobre isso, Biderman (1973) observa que:

No Brasil, de fato, só temos dois pronomes de tratamento: 1) você (familiar); 2) o senhor (formal) que correspondem ao par (tu, vous) ou (T, V) conforme caracterização de Brown e Gilman. Entre os títulos relativamente frequentes, temos Doutor (quase exclusivo de médicos) e professor (ambientes escolares e títulos). (BIDERMAN, 1973, p. 368).

A partir do tratamento por “senhor”, criaram-se “sinhô, siô, nhôr, nhozinho, nhônhô, nhô, sô, seu”. “Seu” antecede o “nome, “Seu Antonio”, o feminino de Dom, “Dona Maria”. Já o “Dom” é utilizado atualmente apenas para os títulos religiosos.

Além das formas de tratamento por pronome, Balsalobre (2013) observa que se deve adicionar para análise o “apêndice de qualificação”, que se refere à:



atribuição de adjetivos às formas de tratamento (ou, em alguns casos, às locuções de endereçamento) para colocar em destaque a função social de algum membro da sociedade, exaltar as suas características pessoais e/ou enaltecer os níveis de relacionamento estabelecidos entre os interlocutores. (BALSALOBRE, 2013, p. 36).

Os apêndices de qualificação também podem ser usados por meio da associação com os pronomes possessivos, que “revelam tanto o sentimento de pertença e de união dos membros [...] quanto esse mesmo sentimento de pertencimento a uma classe profissional e social” (BALSALOBRE, 2013, p. 39).

10. Tabela formas de tratamento pessoal.

CS/FR	Caio	Caio Silva de Souza	Caio Silva de Souza funcionário terceirizado	Auxiliar de serviços gerais/ func. terceirizado H. Estadual Rocha Faria	Porteiro (Caio Souza Silva)	Caio de Souza	Fábio Raposo
	39	14	1	3	2	1	5
	Tatuador Fábio Raposo	Fábio	Tatuador	Caio e Fábio	Mascarado	<i>Black bloc</i>	Suspeito
	5	6	3	5	1	3	4
	Agressor	Jovem	Ele(s)	Rapaz(es)	Acusado	Preso	Baderneiros
	1	4	18	10	10	3	1
TB 249	Thor Batista	Thor	Filho de Eike (Batista)	Filho Thor Batista	Thor e Eike	Thor e Eike (Batista)	Filho de Eike e Luma
	22 (9%)	131 (53%)	33 (13,25%)	1 (0,004%)	3 (1,2%)	3 (1,2%)	4 (2%)
	(Thor Batista), Filho do empresário Eike Batista	Ele	Estudante de economia	Estudante (Thor Batista)	Jovem/rapaz	Luma e Thor	Diretor estatutário da EBX
	29 (12%)		2 (0,008%)	8 (3,2%)	10 (4%)	2 (0,008%)	1 (0,004%)
	Thor diretor de empresa						



	2 (0,00%)						
Wanderson Pereira dos Santos	Ciclista morto	Corpo de Wanderson Pereira	Wanderson	Wanderson Pereira dos Santos	Ciclista Wanderson Pereira (dos Santos)	vítima	Atropelado
	2 (2,3%)	1 (1,15%)	21 (24%)	8 (9,20%)	11 (12,64%)	13 (15%)	1 (1,15%)
	Um ciclista	Ciclista	Ajudante de caminhoneiro	Wanderson dos Santos			
	10 (11,50%)	16 (18,40%)	2 (2,30%)	2 (2,30%)			
RA 153	RA	Abdelmassih	Médico renomado	O Médico	Médico RA	Dr. Roger	Ginecologista
	13 (8,5%)	53(34,64%)	1 (0,006%)	34 (22,22%)	13 (8,5%)	3 (0,020%)	1 (0,006%)
	Ele	Ex-médico	Ex-médico Roger Abdelmassih	Roger	dele	Especialista em fertiliz. (RH)	Doutor (Roger) Abdelmassih
		14 (9,15%)	5 (3,26%)	5 (3,26%)		4 (2,6%)	5 (0,3,26%)
	Foragido	(Filho do) preso					
	1 (0,006%)	1 (0,006%)					

Fonte: elaborado pelos autores.

Algumas observações iniciais acerca da tabela anterior: CS/FR, diferentemente dos dois criminosos ricos, receberam tratamento pessoal associado ao “apêndice de qualificação” como sujeitos “perigosos” (mascarado, *black bloc*, suspeitos, agressor, acusado, preso, baderneiro). Apesar de RA ter violentado 39 mulheres, perfazendo 54 estupros (e/ou atentados ao pudor), o tratamento pessoal dispensado a ele incluiu títulos, como “doutor”, “médico”, “médico renomado” e “ex-médico”, sobressaindo para a sua referência pessoal.

Já em TB prevaleceu a referência ao pai, Eike Batista, empresário, e não apenas ao “pai”. Luma de Oliveira, mãe de TB, não teve valor social, aparecendo com baixíssima frequência. Nos dois investigados, Caio (39 frequências) e Thor (131 frequências, 53%), prevalece a maior frequência no tratamento do primeiro nome sem sobrenome (Caio, Fábio, Thor). No caso do criminoso RA prevalece o seu sobrenome,



Abdelmassih, com 53 frequências, 34,64%. Entende-se aqui que o papel social que o médico desempenha (médicos de ricos célebres) e sua idade, além de ser judeu⁸, faz com que seu sobrenome receba o destaque em frequência. TB é um jovem que ainda não provou nada enquanto líder social-profissional, o que indica o seu tratamento como “Thor”, uma aproximação íntima, acompanhado do sobrenome “Batista”, que passa a ser secundarizado, pois Eike, “empresário”, é que possui valor social significativo.

A vítima de TB, Wanderson Pereira dos Santos, em seu tratamento pessoal com o “apêndice de qualificação”, tem a sua “atividade profissional” desqualificada, que se expressa nas frequências (duas vezes); é identificado apenas como “ciclista”, “vítima” e “atropelado” (40 frequências), termos tão significativos quanto o seu nome próprio.

11 Tabela de Frequências Condensadas de Tratamento Pessoal.

CS/FR	Nome próprio	Atividade profissional	Manifestante	Perigoso	
	77	14	4	22	
TB	Thor + Eike	Thor + Luma	Família Batista	Nome próprio	Jovem estudante
	73 (29,31%)	6 (2,40%)	79 (32%)	176 (70,68)%	20 (8%)
Wanderson Pereira dos Santos					
	Ciclista	Trabalhador	Nome próprio	Vítima	
	39 (45%)	2 (2,30%)	43 (49,42%)	14 (16%)	
RA					
	Profissional da saúde	Nome próprio	Referência criminal		
	80 (52%)	98 (64%)	2 (1,30%)		

Fonte: elaborado pelos autores.

Nesta seção, se os manifestantes são tratados como perigosos, TB e RA não são. Um é médico renomado, especialista em reprodução humana, o outro é de família

⁸ O Globo, em plena ditadura civil-militar, em 22 e 26 de outubro de 1975, na semana do assassinato do jornalista Vladimir Herzog, elabora editoriais fazendo duras críticas à ditadura civil-militar por votar, na ONU, contra o Estado de Israel. Conferir, em Mimeo: Sentidos, investimentos e afetos de O Globo acerca do assassinato de Vladimir Herzog em outubro de 1975.



vitoriosa e pujante. Neles não há natureza má, pois sua fortuna chama atenção para si. Se por um lado a família e a origem social desses criminosos ricos são relevantes, a família da vítima e a própria vítima, Wanderson Santos, não. A família de Wanderson vem extorquir a família Batista. No caso de Wanderson, ser ciclista é mais importante que seus laços familiares e de classe.

6. Considerações Finais

Os estudos empíricos realizados em matérias sobre criminosos célebres, comparados com matérias sobre os manifestantes, em particular CS e FR, apontaram para um reconhecimento de classe, de gênero masculino e étnico por parte do *Jornal O Globo*. Esse reconhecimento e pertencimento implicam no julgamento negativo por aqueles que não partilham desse universo.

Enquanto os ricos célebres foram alocados no primeiro caderno Rio (TB) e Política (RA), inexistindo classificações pejorativas ou hierarquizadas, no sentido de inferiorização, os jovens CS/FR, como representantes dos manifestantes, generalizados e universalizados, foram brutalizados em alguns momentos como pessoas perigosas; em outros como vítimas dos “apoiadores” (leia deputado estadual Freixo, partidos PSOL e PSTU, e outros). Em outra ocasião, ainda, os movimentos deixaram de ser “todos” violentos e passaram a ser “alguns” violentos, justificando as violências policiais – e estes sendo vítimas dos manifestantes.

Discursivamente, o jornal manipula metáforas do bem e do mal: o bem inclui a sociedade, a imprensa, os manifestantes pacíficos, que luta contra o mal, que corresponde aos manifestantes violentos, apoiados por pessoas estranhas ao movimento. Ou seja, o Bem é a Polícia, o Mal, os manifestantes.

Nessa lógica, o país está em guerra por culpa dos manifestantes, tornando-os, ameaças à sociedade brasileira, e não apenas ao Rio de Janeiro. O Congresso Nacional precisa conter esse malefício, que é um problema criminal: leis rígidas a eles. Como toda ameaça, esta precisa ser purificada. A purificação é o afastamento daqueles “perigosos”, manifestantes violentos (pobres, negros), que precisam ser presos, detidos, para que o caos desapareça. É preciso elaborar leis mais rígidas contra o “terror”.



Referências

- ALMEIDA, José Jorge dos Santos. Periódicos: Memória visual das páginas policiais **jornal da Bahia – A língua do Povo** (1990 – 1993). In: IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem I Encontro Internacional de Estudos da Imagem. **Anais...** Londrina-PR, Brasil, 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Jose%20Jorge%20dos%20Santos%20Almeida.pdf>>. Acesso em: 4 maio. 2015.
- BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 3. ed. Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra, 1990.
- BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia. “Locuções de endereçamento” e “apêndices de qualificação”: o sistema de formas de tratamento em foco. **Filol. linguíst. port.**, São Paulo, 15(1), p. 27-46, Jan./Jun. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/viewFile/76191/79934>>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. **Alfa Revista de Linguística**, Araraquara/São Paulo, v.18/19 (1972/1973). Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3520/3293>>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- CODO, Wanderley; GAZZOTTI, Andréa A. Trabalho e afetividade. In: CODO, Wanderley (Org.). **Educação, carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 48- 59.
- COMPARATO, Fábio Konder. Capitalismo: civilização e poder. **Estudos Avançados**. vol.25 no.72. São Paulo May/Aug. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n72/a20v25n72.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS. **Dicionário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- RAMINELLI, Ronald. Nobreza e riqueza no Antigo Regime Ibérico Setecentista. **Revista de História**, São Paulo, n. 169, p. 83-110, jul-dez/2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rh/n169/0034-8309-rh-169-00083.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.
- RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/midia_e_violencia.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- REZENDE, Luiz Alberto Ornellas. Baronato em família – considerações acerca da crise cafeeira em Juiz de Fora a partir da família Ribeiro de Rezende. (1885-1914). II Colóquio do LAHES: Micro História e os caminhos da História Social. **Anais...** Juiz de



Fora: Clio Edições, 2008. Disponível em: <http://docplayer.com.br/7958996-Anais-do-ii-coloquio-do-lahes-micro-historia-e-os-caminhos-da-historia-social.html>. Acesso em: 22 abr. 2016.

SANTOS, Evson Malaquias de M. **Sentidos, investimentos e afetos de O Globo acerca do assassinato de Vladimir Herzog em outubro de 1975**. São Paulo: Mimeo, 2015.

XAVIER, Arnaldo A construção do conceito de criminosos na sociedade capitalista: um debate para o Serviço Social. **Rev. Katál**, Florianópolis, v.11, n. 2, p. 274-282, jul-dez/2008. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/viewFile/S1414-49802008000200013/8328>>. Acesso em: 4 maio. 2015.

Submetido em: 09/06/2017. Aprovado em: 13/07/2017.

